2.15 Capítulo XIII

Namen Nomes

Este capítulo revela a tendência dos nomes na 'LTI'. Em geral as revoluções almejam inovações, mas há também pseudo-revoluções, como a nazista que se denominou de revolução conservadora, e que combateu ferrenhamente mudanças para retroceder no tempo e voltar à Idade Média. Dessa forma, Klemperer apresenta em um panorama que vai de 1934 a 1945 o tipo de nomes adotados durante o nazismo, sob o enfoque desta revolução conservadora.

Até por meio dos nomes a linguagem nazista procurou oprimir e rebaixar o ser humano. Os judeus, por exemplo, foram obrigados a incluírem os nomes Sara e Israel caso não tivessem já algum nome judaico, para serem depreciados pelo povo alemão. Um colega, Professor Doutor e vereador do partido nacional-socialista consegue

"*Erlaubnis des Ministeriums*[1]"

para voltar a usar o antigo nome de sua família, Oesterhelt, do Século XVI, ao invés do atual Israel. A explicação era que

"Sie hieß im 16. Jahrhundert Oesterhelt, und das ist in der Lausitz über Uesterhelt, Isterhal (auch Isterheil und Osterheil), Istrael, Isserel u.a. durch Verstümmelung zu Israel entwickelt worden[2]*".*

Klemperer ressalta que sempre que passava defronte à nova placa do portão dos Oesterhelt lembrava-se de que deveria anotar essa mudança de nomes na *sub specie Judaeorum*[3] da 'LTI', o que significava que dado seu envolvimento com o tema, não conseguiria manter a objetividade suficiente para analisar essa questão. E explica o estilo de nomes em outros países. Os americanos e a América Negra copiavam nomes dos campeões. A revolução inglesa, dita puritana, optara por nomes do Antigo Testamento. A Revolução Francesa procurou nomes nas figuras da Roma de Cícero e

---

[1] Autorização do Ministério. 'LTI', p. 97.
[2] No Século 16 chamavam-se Oesterhelt, que ficava Lausitz, em Uesterhelt, Isterhal (também Isterheil e Osterheil), Istrael, Isserel e por engano chegara ao sobrenome Israel. 'LTI', p. 97.
[3] Sub-espécie judaica, em latim. 'LTI', p. 97.

Tácito. Já um bom nacional-socialista demonstrava seu vínculo ao sangue e à raça germânica pela escolha de nomes como *Horst* e *Sieglinde*, nomes da mitologia germânica. Wagner exerceu forte influência do germanismo em busca das origens nórdicas compondo músicas onde se encontravam esses nomes, cantadas, em especial, pelos jovens do *Wandervogel*[4]. Klemperer menciona que os alemães levaram tão a sério a atitude de copiar nomes de seus líderes nacionalistas, que ainda em 1944 anotou seis nomes germânicos dentre nove nas comunicações de nascimento

Dieter, Detlev, Uwe, Margit, Ingrid, Uta.

Nomes duplos com traço de união foram outra característica da 'LTI':

Bernd-Dietmar, Bernd-Walter, Dietmar-Gerhard.

Outra característica que ofereceu um maravilhoso *Ködergeschmack*[5] foram certos diminutivos, ligados a nomes de heróis em músicas:

Klein Karin, Klein Harald

que denotaram a monotonia da 'LTI', especialmente quando tantos nomes estavam proibidos. É assim que poucos dias antes da tragédia de Dresden[6] e do final da guerra, cai nas mãos de Klemperer uma tira de um encarte do jornal nazista "*Illustrierter Beobachter*[7]" de 5 de fevereiro de 1945, em que, sob o título "*Heidrun*" constava um artigo que surpreendia pelo apelo semiconsciente de arrependimento dos seguidores de Hitler. O artigo remetia Klemperer a perceber a penitência inevitável do personagem cheio de culpa da cena final de "*Der Traum ein Leben*" de Grillparzer[8]. Klemperer ressalta que àquela altura era tarde demais para qualquer arrependimento, pois não pairava qualquer dúvida dos milhares de assassinatos que os nazistas tinham cometido. O autor da matéria desfazia duplamente de seus colegas de partido. Sua recomendação para os pais remediarem o deslize der terem dado nomes cristãos, ditos semi-orientais, como *Christa*, com a conotação de opositores do regime, quando possível, deveriam

---

[4]Agremiação de jovens criada na virada do século 19 para o 20 em Berlim-Steglitz com a finalidade de realizar caminhadas e que se tornou um ponto de saída para o movimento juvenil alemão. 'LTI', p.98.
[5]Isca.'LTI', p.99.
[6] Trata-se de bombardeio sobre Dresden em 13 e 14 de fevereiro de 1945, em que o último *Judenhaus* em que o casal Klemperer vivera veio totalmente abaixo. Somente o casal estava fora e sobreviveu.
[7] Observador Ilustrado. 'LTI', p.99.
8 Uma vida, um sonho. 'LTI', p.99. Grillparzer foi um dos maiores escritores austríacos (1791-1872).

alterá-lo para *Krista*. Ou, para se redimirem do pecado a próxima menininha que nascesse, receberia o nome "*Heidrun*". Müller e Schulze supunham que "*Heidrun*" fosse uma germanização de Erika. Mas, na verdade, "*Heidrun*" seria a "*Himmelsziege*[9]" de Edda, e que acompanharia o bode, carregando *Met*[10] em suas tetas. Dar os nomes Sara ou Léa ou outros do Antigo Testamento estavam terminantemente proibidos. Caso algum padre desavisado desse um desses nomes, seria prontamente denunciado. Em setembro de 1940 Klemperer se depara com uma das colunas *Litfasssäulen* de uma igreja anunciando "*Oratorium* de Händel, Herói de um povo"; na capa externa de um livro, em letra pequena: "Judá, o macabeu", nova impressão. A Editora Rütten & Loenig desculpando-se por manter o nome de um romance traduzido do inglês: *The Chronicle of Aaron Kane,* já que não era possível alterar nomes bíblicos, que estavam de acordo com sua época e com seu puritanismo. O nome de outro livro, traduzido do inglês era "*Geliebte Söhne*" (Queridos Filhos). Na contra-capa constava em letra miúda o título original: "Ó Absalão!" O nome de Einstein teve de desaparecer da Física e a medida "Hertz", que também é um nome judaico. O povo alemão tinha de ficar distante, não somente dos nomes judaicos, mas especialmente dos judeus como pessoas. Os judeus tinham a obrigação de comunicar ao banco, ao Cartório, etc o aposto Israel ou Sara ao seu nome. Seus fornecedores não podiam esquecer de maneira nenhuma de acrescentar esse nome quando lhe enviassem qualquer correspondência. Não bastava ter mulher ariana. Era necessário ter filhos com a mulher ariana, caso contrário o judeu teria de portar a estrela amarela, com o dizer *Jude* (judeu), em caracteres semelhantes ao alfabeto hebraico. Havia uma placa na porta de entrada. Sob o nome de Klemperer constava *Jude*, sob o nome de sua mulher, 'ariana'. Quanto ao cargo público de Klemperer, sua denominação era "*Jude* Klemperer". Nos cartões de racionamento constava a letra J e depois uma tarja com a inscrição *Jude*. Ao se apresentar à Gestapo, caso não dissesse '*Jude* Klemperer', apanharia. Sobre seu primo músico, Otto Klemperer, já há tempos emigrado para Los Angeles, dizia no jornal:

"Jud' Klemperer aus dem Irrenhaus entsprungen und wiedereingefangen[11]".

Trotzki-Braunstein e Litinow-Finkelstein eram os odiados "*Kremljuden*" (judeus do Kremlin); o Prefeito de Nova York, o "*Jude* Laguardia" ou "meio-judeu Laguardia". Klemperer comenta que ouviu uma vez o funcionário da Gestapo de Dresden recriminar

---

[9] Cabra do céu. 'LTI', p.100.
[10] Nome da bebida da mitologia germânica, semelhante ao néctar do Olimpo grego.
[11] Judeu Klemperer fugitivo do hospício, mas foi pego de novo. P. 102

uma senhora idosa porque seu filho conseguira fugir, e ela seria pega no lugar dele. Dito e feito, na manhã seguinte ela não acordou mais de seu sono de 'veronal'. Diante de tanta pressão, caso ocorresse que um casal judeu desse a seu filho um nome não judaico, como proibido, o casal seria sumariamente exterminado.

Klemperer cita o estudo "*Halbasien*" de Karl Emil Franzos, que explica como os judeus da Galícia obtiveram seus nomes. Joseph II, em nome do Iluminismo e do Humanitarismo deliberou que os judeus tinham de ter sobrenomes. Alguns judeus ortodoxos não aceitaram. Os funcionários forçavam então os rebeldes a adotar sobrenomes constrangedores e ridículos. O governo nazista foi movido pelo mesmo escárnio desses funcionários. Sua intenção era não somente afastar o judeu, mas também difamá-lo. Os funcionários davam-lhes nomes em *yidisch*[12], como *Vögele, Mendele*, sem saber que se tratava de alemão arcaico, justamente a língua que provava o quanto o judeu já fora e continuava ligado à Alemanha e mal sabiam eles que esses eram nomes carinhosos dentro da família. Ainda sobre a questão da obrigatoriedade de nomes judaicos, Klemperer comenta um caso que ocorrera na última casa de judeus em que viveu. Um senhor, Baruch Levin, nome explicitamente judaico, casado com uma senhora não judia, estava liberado de acrescentar Israel a seu nome, pois o casal dera o nome Horst a seu filho, explicitamente germânico. Klemperer comenta ainda que houvera uma geração de Horst, cujos pais tinham feito de tudo para comprovar sua alemanidade. Esses Horst foram menos maltratados pelos nazistas, mas na hora de serem enviados às câmaras de gás, sucumbiram tal qual todos os demais judeus. Quando ambos os pais eram judeus, os filhos eram obrigados a acrescentar Israel aos seus nomes, já que eram *Volljuden* (100% judeus). Justamente esses, em geral, não se sentiam alemães, provinham da *Romantik* pervertida, como os nazistas, pois eram sionistas... Cabe ressaltar que Klemperer, dada sua busca e interesse pelo Iluminismo, sentia forte desconforto face ao sionismo. Klemperer sempre se questionava se existia alguma pressão que o forçasse a escrever sobre o judaísmo. Como filólogo, queria escrever com isenção.

Relata o caso de um Professor não judeu, que optara por aposentar-se, para não ter de filiar-se ao Partido Nazista. Klemperer lhe pergunta como a família tinha chegado ao nome *Isbrand Wilderich* para o netinho, ao que o Professor responde que fora o nome de um antepassado holandês do Século 16. O que impressiona Klemperer é que a frase

---

[12] Língua judaica, falada pelos judeus da Europa Central, que se originou no sul da Alemanha, na Idade Média.

usada "*So hieß ein Mann unserer aus Holland stammenden Sippe...*" denuncia como o linguajar do Professor estava infectado pelo nazismo, apesar de empenhar-se para não ser corrompido por ele. *Sippe,* tribo, clã, palavra antiga que significa parente ou família, foi renegada a um sentido pejorativo, tal qual *August*, mas retornava desta vez valorizada. Apresentou-se, portanto uma característica tipicamente alemã, outrora ridicularizada: a exatidão. Grande parte da Alemanha fora povoada por eslavos. O Terceiro Reich não se dispunha a tolerar nomes que não os alemães para as localidades. O mapa foi revisto até o mínimo detalhe. No "*Dresdner Zeitung*" de 15.11.1942 Klemperer anotou quantos nomes foram alterados em cada região. Na região de Mecklenburg a terminação "*Wendisch*" (vêndico) foi excluída em muitos lugarejos, outros tiveram seus nomes alemanizados: 120 na Pomerânia, 175 em Brandenburg e em especial na região de Spreewald. Em toda a Silésia, 2700. Na região governamental de *Gumbinnen*, onde incomodavam as terminações da "raça inferior" lituana, palavras como *Berninglauken* passaram pela influência do Norte. Nessa região, de 1851 comunidades, 1146 foram renomeadas. O desejo de retorno à tradição atiçou o nazismo, até mesmo em relação ao nome de ruas. Conselheiros, prefeitos e professores foram desenterrados e seus nomes colocados nas placas das ruas. Nome novo em rua de Dresden: *Tirmannstrasse*, Prefeito, falecido em 1437; outras, Conselheiro no Século 14; escreveu uma crônica da cidade Século 15. Talvez a Josephstrasse em Dresden tivesse um nome muito católico, que foi então alterado para Caspar-David-Friedrich-Strasse, nome de um pintor romântico alemão e impossível de caber na postagem. Quando o casal Klemperer morou em um *Judenhaus* nessa rua, recebiam amiúde correspondência assim: Senhor Caspar David, na Rua Friedrich. Cidades que já possuíam característica anterior ao nazismo, como Leipzig, Cidade das Feiras, recebeu o carimbo nazista "Cleve, *Werkstatt* (fábrica) dos bons sapatos infantis". Anotações dos diários: enquanto o *Volkswagen* fora projetado desde seu início como veículo de guerra, para atrair o dinheiro dos pequenos cidadãos, Hitler nomeia "*Fallensleben*, cidade da fábrica do *Volkswagen"*. Carimbo enaltecedor foi criado para "Munique, cidade do Movimento" e "*Nürnberg*, cidade do Congresso". "*Gau*" para *Provinz*[13] (Estado). Dizer que *Nürnberg* encontrava-se no "*Traditionsgau*" significava valorizar o famoso início do nacional-socialismo. Uma forma de legalizar as regiões surrupiadas da Polônia foi lhes dando nomes teutônicos. As regiões fronteiriças receberam o aposto *Mark*. O nome *Ostmark*

[13] Esses nomes em itálico referem-se a localidades bastante conhecidas, encontram-se na p. 106.

foi uma forma facilitadora de anexar a Áustria à Grande Alemanha. Mais desavergonhado, entretanto, foi fazer *Lodz*, cidade polonesa, perder seu nome para *Litzmannstadt*. Revendo nomes como *Litzmannstadt-Getto,* Klemperer relembra-se do fato trágico, o campo de concentração *Hellerberg*[14], e conhecido somente dos judeus de Dresden, para onde foram levados os judeus remanescentes em Dresden no outono de 1942, e poucas semanas depois para as câmaras de gás de *Auschwitz*. Dentro da Geografia do inferno *Theresensienstadt, Buchenwald e Auschwitz* entraram para a História. Klemperer comenta, que apesar de querer manter-se isento, é conduzido mais uma vez à questão judaica, neste caso pela desatenção a esse campo de concentração. Como o casal fez para sobreviver bem ao final da guerra. Eles tinham ficado entre os últimos remanescentes que sobreviveram. Seu nome Klemperer tinha um significado judaico, que poderia incorrer em risco de vida. Por uma antiga receita médica, conseguiram modificar seu próprio nome, ou seja, sua própria identidade para *Kleinpeter*.

[14] 'LTI', p. 107.